

# EMIGRAÇÃO DOS MINHOTOS PARA O BRASIL (1850-1910) OS BEM SUCEDIDOS E OS OUTROS

Adília Fernandes  
Odete Paiva

## INTRODUÇÃO

O Minho terá sido a região portuguesa de onde saiu mais gente para o Brasil, desde a colonização até à emigração massiva do século XIX, tendo esta última alterado profundamente a face social e económica da região. Da História à Literatura, o fenómeno da emigração/imigração é recorrente nos autores lusos e brasileiros.

A figura do *brasileiro* ainda hoje faz parte do universo mental português. A sua intervenção, que passou nomeadamente pela banca, pela indústria, pelo comércio, pela construção imobiliária, pela instrução (construção de escolas e subsídios), pela saúde e assistência, fez mudar gentes e territórios. A participação em irmandades, bem como a criação de vínculos com pessoas da elite foi elemento de salvaguarda e trânsito social.

Gerações sucessivas de minhotos marcaram estreita ligação com o Brasil, levando para a ex-colónia um capital humano apreciável, com repercussões na pirâmide etária e na malha social do Minho.

Camilo Castelo Branco, que viveu em Ceide, freguesia do concelho de Famalicão, numa casa que era do primeiro marido de Ana Plácido, um *brasileiro de torna viagem* e onde produziu grande parte da sua obra, fala-nos incontáveis vezes da mobilidade ascendente e das representações sociais.

Em 1872, hospedou-se no hotel de Famalicão um brasileiro a quem os seus criados negros e brancos chamavam simplesmente o Sr. Comendador (...) não viera recomendado a algum dos barões da terra. Enviara adiante a recomendação da parelha das orcas, da caleche, dos lacaios (...) conquanto nem ele nem criados declarassem os seus nomes e apelidos, os jornais do Porto haviam anunciado a chegada do maior capitalista de Pelotas, o Sr. Manuel José da Silva Guimarães (...) aí está Belchior Barnabé, o enjeitado, (...) cujo palácio se avista entre as pompas da arquitectura e das decorações (...) Conversaram sobre a guerra do Paraguai, sobre a emigração dos minhotos, sobre o estado florescente da indústria e agricultura portuguesa<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> NOVELAS do Minho: 104-105; 107; 123.

Nem todos os emigrantes se inscreveram neste desiderato. As histórias dos *brasileiros* descritas por Eça, Júlio Dinis e demais escritores portugueses coevos entrecruzam-se com as histórias de outros a quem a sorte não bafejou, relatadas por Sousa Fernandes e mesmo por Camilo. Histórias que nos dão a conhecer vivências diversas, as dos tais que não tiveram projecção, como a de um enjeitado, que não o comendador Guimarães (a que se alude no início), rapaz esse que casou com Maria, bonita rapariga que, chegada ao Rio, foi para a prostituição por razões de total carência económica. O marido, que entretanto fora para soldado, desertou. Chamaremos estes emigrantes de *os outros*, por antítese aos bem sucedidos, ou seja, os fracassados, na designação de Igor Machado.

Falaremos, de igual modo, dos *abrasileirados*, expressão que Jorge Alves atribui àqueles que retornavam com o dinheiro suficiente para endireitar a vida, v.g., melhorar a casa, resgatar a hipoteca, pagar as dívidas contraídas, comprar algumas terras, ou montar um pequeno negócio. E, aqui, não poderemos deixar de referir as vivências e contingências, pois nem sempre os *brasileiros* de sucesso, aqueles que compraram quintas, fizeram palacetes, ofereceram festas e banquetes, foram bem sucedidos até ao fim das suas vidas. José Francisco Trovisqueira é disso exemplo. Teve em praça muitos dos seus bens e faleceu na primeira casa que comprou, muito modesta face ao seu palacete, na antiga Rua Formosa, onde recebera reis, príncipes e muita aristocracia do seu tempo. Cabe, aqui, falar também em Pinto Monteiro, o Cego de Landim, personagem da obra *Novelas do Minho*, cuja vida foi de opulência e terminou na ladeira da pobreza, abrindo um botequim em Famalicão, onde gastou as suas últimas moedas.

## 1. A REALIDADE POLIÉDRICA DA EMIGRAÇÃO

Sousa Fernandes, *brasileiro* de sucesso, nasceu em Famalicão, no ano de 1849. Aos 13 anos, emigrou para o Brasil, onde encontrou o amparo de familiares, passando, em pouco tempo, de simples empregado a sócio. Conseguiu fazer fortuna em pouco tempo. Apesar disso, e porque presenciou o poliedro da realidade, manifestou-se um acérrimo defensor da contenção da emigração, afirmando ser: “um capital que perdemos e que desfalca por igual o nosso patrimonio e a nossa renda: o nosso patrimonio porque a propriedade rural decresce de valor na razão directa da somma de trabalho que falta ao seu amanhã; a nossa renda, porque a produção do solo diminue necessariamente à falta de agentes que a promova”<sup>2</sup>. Acrescentou que “dos milhares e milhares de emigrantes que se vão, alguns regressam ricos e felizes, é certo, outros não voltam mas de lá subsidiam com recursos as suas famílias; é, porém, ponto averiguado que não há nesta parte útil da questão vislumbre de compensação para o pesado ónus que ella acarreta ao nosso paiz”<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Sousa Fernandes, 1998: 101.

<sup>3</sup> Sousa Fernandes, 1998: 130.

Para além de Sousa Fernandes, aparecem várias testemunhas que nos dão conta da miséria por que passava a maior parte dos portugueses que chegava àquele país e consideravam exagerada esta emigração. Disto dava conta o jornal famalicense *A Estrela do Minho*, de 23 de Novembro de 1913, no artigo de um seu colaborador que se encontrava naquele país e que fazia eco com muitas outras vozes.

Inúmeras situações bem distintas dessas que a História mais gosta de registar, vão constatando tais preocupações.

Sousa Fernandes dá-nos conhecimento da vida de um emigrante português, José, criado da “chácara, que varria dos passeios as folhas mirradas pelo tempo e para alli sacudidas pelo débil sopro da viração”. Conta Sousa Fernandes que José era casado e que estava no Brasil há três meses para onde viera seduzido por “anelos de fortuna”. Ganhava 40 mil réis mensais e a mulher 30 mil, como criada de uma família alemã, e que só se viam aos domingos. Tinha o desejo de juntar uns *patacos* e regressar à terra natal, dizendo serem suficientes cem moedas e que precisava de dois anos para as conseguir.

Esta história tem, contudo, outro epílogo, a morte da mulher, vítima da febre-amarela e, passado pouco tempo, a de José, na Misericórdia, com a mesma enfermidade.

Fim idêntico tem Camilo, de alcunha o Quintinha, natural de Avidos, freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão, que regressou do Brasil em extrema miséria. Culto, com uma bela caligrafia, fotógrafo e pintor, mas sentindo-se um vencido da vida, isolou-se na apatia e na introversão, limitando-se a fazer leituras ao domicílio em troca de refeições.

Manuel Marques Coelho teve, também, um final pouco afortunado. Natural da localidade concelhia de S. Cosme do Vale, era conhecido pelos nomes de Manuel Marafona, marchante Marafona e *brasileiro* Marafona, alcunha que herdara do pai, emigrante como ele no Brasil. Boémio, viveu entre grandes festas, no dizer da época, emparceirando com Nuno Plácido Castelo Branco, filho natural legitimado de Camilo e Ana Plácido, conhecido igualmente por este aspecto e a quem ajudou no rapto de uma rapariga de 17 anos com quem veio a casar. Vaidoso, fazia-se passear pela cidade, de *charrette* puxada por dois cavalos.

Esta forma aparatosa de viver trouxe-lhe algumas contrariedades. Proprietário do jornal local *Progressista*, apesar de ter apenas a 4.<sup>a</sup> classe, pensou que esse facto lhe possibilitaria aceder como sócio à *Assembleia Recreativa* que, por gozar de grande prestígio, lhe conferiria “pergaminhos de elevação”. Por votação, foi-lhe recusada a admissão. Apontaram-se, como razões para tal, o facto de ser um *brasileiro* marchante, de se desconhecem pormenores da sua vida no Brasil e de ter uma vida local reprovável.

Marques Coelho resolveu vingar-se desta afronta. Criou uma instituição semelhante à *Assembleia Recreativa*, o *Club Camilo Castelo Branco*, que veio a atrair, com os bailes que organizava, um grande número de jovens, aspecto em que rivalizava com aquela. Teve, no entanto, vida efémera. A sua triste fama

é agravada por um acto que revoltou uma população inteira. Ao pretender fazer os seus habituais passeios a cavalo e na recusa deste em andar, ateou-lhe fogo depois de sobre ele despejar aguarrás, provocando-lhe a morte. Esta situação motivou a produção de pasquins que se colavam em muros e portas. A violência popular contra Marques Coelho levou-o a andar de espingarda a tiracolo e a regressar ao Brasil.

## 2. OS BEM SUCEDIDOS

O Brasil foi destino por excelência dos emigrantes do Minho e, no caso de Vila Nova de Famalicão, considerando só a emigração legal, o Rio de Janeiro tornou-se a sua escolha preferencial.

Muitos são os que na terra de chegada contam com um parente, um amigo ou até um padrinho para os ajudarem a integrar-se. Partiam alguns só depois de feito o tirocínio numa casa comercial do Porto, de Guimarães, ou até de Famalicão, muitos com reduzidos conhecimentos de leitura, de escrita e de operações matemáticas básicas.

Numa região em que a pequena propriedade é dominante, a emigração enquadrava-se numa estratégia de sobrevivência e reprodução social de muitas famílias, e constituía um factor equilibrador entre população e recursos. Com um sistema de herança em que era dado ao chefe do agregado familiar e detentor da unidade económica o poder de eleger o herdeiro privilegiado, deixando-lhe o terço ou quota disponível, parte dos filhos via-se na contingência de trabalhar para a casa, o que nem sempre era possível, ou de abandonar a unidade agrícola familiar, juntando-se a emigrantes de menor disponibilidade económica.

Do seu retorno, conservam-se memórias nas escolas que edificaram para uso das populações locais, dando forte contributo para a sua alfabetização, nas Misericórdias, com o correlato apoio aos menos favorecidos, nos edifícios ditos de estilo *brasileiro*, no mobiliário com que os decoraram e em outro tipo de acervo tal como nas histórias de vida.

A ascensão social conseguida através do dinheiro é visível nas comendas e nos títulos nobiliárquicos atribuídos, v.g. ao barão de Famalicão, ao visconde de Famalicão, este último revolucionador do traçado urbano famalicense, ao primeiro barão de Joane. É patente, também, nos casamentos com noivas da aristocracia, por exemplo, a mulher do visconde de Famalicão, também chamado visconde das Águas. A sede do concelho e muitas das suas freguesias são profundamente marcadas pela presença das casas destes *brasileiros*, encontrando-se entre os seus proprietários pessoas de notoriedade nacional, como a de Bernardino Machado, filho do primeiro barão de Joane e a do barão da Trovisqueira.

Retomemos Camilo, que nos diz que Famalicão, “nesse tempo, estava na apojadura das suas prosperidades. Choviam ali brasileiros que nem maná nas



**Figura n.º 1**  
**Palacete de Bernardino Machado**



**Figura n.º 2**  
**Palacete do Barão da Trovisqueira,**  
**actual Museu Bernardino Machado**

areias da Mesopotâmia. Dos paus alagadiços irrompiam casas de azulejos variegados. Vila Nova era o centro da locomoção do Minho, da mercância agrícola, da vilegiatura dos portuenses”<sup>4</sup>.

Os bem sucedidos apresentavam, por um lado, traços distintivos e, por outro, elementos comuns que os ligavam: partiam para o Brasil na adolescência; contavam com redes de parentesco e de vicinidade na sua ida e início de vida na nova terra; conheciam, graças ao sucesso económico, a ascensão social; deixavam marcas na terra de acolhimento e em Portugal.

Entre muitos casos já estudados, elegemos os seguintes, por nos parecerem paradigmáticos.

António da Silva Maia nasceu em Vila Nova de Famalicão, na segunda metade do século XX. Era sobrinho do Dr. Eduardo José da Silva Carvalho e de Ricardo Carvalho. Foi emigrante no Brasil, tal como o irmão, Ricardo Silva Maia, falecido no Rio de Janeiro, em Abril de 1906.

António Silva Maia teve sucesso na carreira comercial, no Rio de Janeiro, onde casou e constituiu família. Nesta cidade, desempenhou funções de relevo, de que se destacou a directoria da Real e Benemérita Caixa de Socorros Mútuos D. Pedro V. Em Portugal, foi condecorado com a comenda de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, vindo a ser também conselheiro.

Numa altura em que a tuberculose grassava, destacou-se pelo seu contributo monetário para a construção do Sanatório Silva Maia, em Famalicão, doando também o terreno e cooperando no seu equipamento e manutenção. A

<sup>4</sup> *NOVELAS do Minho*: 154-155; 165-166.

Associação promotora de que foi fundador e primeiro sócio benemérito, assumiu a designação de Instituto Anti-Tuberculoso Silva Maia. Para além da ajuda directa, fomentou subscrições no Rio de Janeiro, que em muito concorreram para a obra, quer do sanatório, quer do dispensário, ambas destinadas a erradicar a tuberculose, numa acção dirigida aos mais desfavorecidos do concelho, tal como refere o artigo 1.º dos Estatutos.

Faleceu ainda muito novo (1913), naquela cidade, onde também morreu o irmão.



Figura n.º 3

Instituto Anti-Tuberculoso Silva Maia.  
Diploma

António Luís Mendes, o futuro visconde de Gemunde, nasceu no dia 11 de Novembro de 1846, na freguesia barcelense de Viatodos. Era filho de Luís António Mendes e de Joaquina Ferreira da Cruz e neto paterno de António José Mendes e Maria Pereira, da freguesia de Gemunde. Os seus avós maternos foram Manuel Ferreira da Cruz e Ana Ferreira, da freguesia de Gondifelos. Os pais, trabalhadores rurais, viveram algum tempo em Viatodos, daí o nascimento do filho nesta freguesia. Mais tarde, fixaram-se em Gemunde, vindo este a falecer aqui.

António Luís vinha de Gemunde à *Casa dos Paz*, próximo da igreja de Brufe, aprender a ler e a escrever, calcorreando caminhos em busca de instrumentos que muito o ajudaram em terras brasileiras. Chegou a Niteróy aos 14 anos (1860) e empregou-se no comércio. Passados três

anos, já trabalhava por conta própria, como negociante e, graças a um empréstimo vultuoso de um amigo, pôde investir tornando-se um importante fornecedor dos serviços militares brasileiros.

Em poucos anos, dado o volume de negócios conseguido, elevou a fortuna, a par da ascensão social. Foi membro da Junta Comercial desta cidade e comerciante matriculado (podendo vender produtos nacionais e estrangeiros), na cidade de Niteróy. O seu prestígio trouxe-lhe a nomeação para o cargo de vice-cônsul de Portugal, nesta cidade, que o acolheu e onde sempre desenvolveu a sua actividade.

Pertenceu a muitas associações, entre elas a Associação de Socorros à Pobreza Desamparada de Niteróy, para a qual foi designado Benfeitor (1895), título por excelência. Viveu, nesta cidade, 35 anos, casando com uma cidadã do Rio de Janeiro. Regressou a Portugal, já perto dos cinquenta anos. Instalou-se provisoriamente na melhor unidade hoteleira de Famalicão e, depois, numa rica vivenda mandada construir por um capitalista desta cidade, *brasileiro* como



ele. Foi o primeiro famalicense a usufruir, em sua casa, de um sistema de iluminação pelo gás acetilene.

Destacou-se pela significativa contribuição monetária à Irmandade do Hospital de S. João de Deus, de que se tornou Irmão Benemérito e Provedor (em 1896), à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, de que foi Benemérito, à Junta da Paróquia, para a continuação das obras das Escolas Oficiais, escolas estas que, devido à avultada ajuda de mais *brasileiros*, puderam ser das melhores da região. Assumiu a presidência da Assembleia-Geral do Clube de Caçadores (1897).

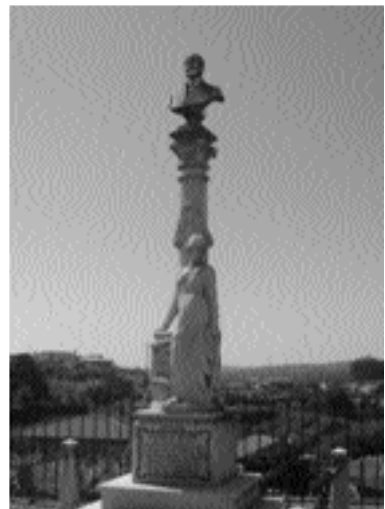
António Luís Mendes veio a ser nomeado visconde de Gemunde, em 1896, pelo rei D. Carlos, em reconhecimento da obra social que desenvolveu em Famalicão e da ajuda prestada a muitos compatriotas no Brasil, principalmente como vice-cônsul em Niteróy, aquando das convulsões político-sociais dos finais da monarquia e instauração do regime republicano neste país. No ano seguinte, atribuíram-lhe a Comenda de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, a que estava inerente a regalia de Fidalgo Cavaleiro da Casa Real. Foi distinguido pelo povo famalicense com um hino expressamente composto para ele pelo director da Banda dos Bombeiros Voluntários de Famalicão, em 1896, aquando da concessão do título. A sala do Teatro Progresso ficou com o seu nome – Teatro Visconde de Gemunde.

O visconde e a viscondessa de Gemunde privaram com a elite famalicense, incorporando-se nos principais eventos.

Este titular tinha casa alugada em Matosinhos, o que lhe permitia estanciar na praia e desfrutar do Porto, cidade próxima. A partir sensivelmente de 1902, passava a maior parte do ano em Lisboa, vindo no Verão para Famalicão. Em 1906, adquiriu a grande Quinta de Santa Marta, em Algés, onde permanecia a maior parte do tempo, com vindas anuais à sua vila.

Faleceu em Lisboa, em 26 de Agosto de 1915. Foi sepultado no cemitério da Ajuda, juntamente com o filho, nascido em Niteróy e falecido em 1913. Por sua expressa vontade, os restos mortais de ambos vieram a ser trasladados para o cemitério de Gemunde, que ele mandou construir em 1896 e onde edificou um jazigo para sepultura dos pais. Aqui repousa num sepulcro imponente, mas elegante.

Vejamos, agora, o caso de José de Araújo Carvalho. Nasceu no Louro a 19 de Fevereiro de 1866, filho de António de Araújo Carvalho e de Albina Rosa de Sá, trabalhadores rurais. No Rio de Janeiro, trabalhou como empregado comercial e, mais tarde em S. Paulo, como gerente de uma filial da mesma empresa. Trabalhador indó-



**Figura n.º 4**  
**Túmulo do Visconde de Gemunde**

mito, fundou anos depois, com o irmão, uma empresa comercial de vinho tipo *cognac* e outra de sabões. Com a criação da sociedade *Vinhos Carvalho*, que detinha a exclusividade da importação dos vinhos do Alto Douro, José Carvalho atingiu o seu acume como maior empresário de S. Paulo neste sector.

Em 1905, casou com Maria das Dores Alves Guimarães, natural de S. Paulo e também ela possuidora de bens consideráveis. Não tiveram filhos. Vieram para Portugal em 1910, com uma avultada fortuna. Falava-se que José de Araújo Carvalho comprava no Louro, todas as propriedades (terras e imóveis) que lá se achavam à venda.

Grande filantropo, contribuiu para minimizar as carências de muitos dos seus conterrâneos, através da distribuição de bens alimentares, empréstimo de casas de habitação e criação de postos de trabalho, o que configura a sua consciência social. Fez donativos à Santa Casa de Misericórdia e ao Hospital, ajudou monetariamente para a conservação de património civil e religioso e para a construção de escolas. Deixou em testamento todos os seus bens à Misericórdia de Famalicão.

Desempenhou, entre 1919 e 1921, o cargo de senador na Câmara de Vila Nova de Famalicão, na edilidade de Júlio de Araújo, *brasileiro*.

Conhecido como o Carvalho de Travassos, revelou-se uma personagem de grande densidade, movendo-se nos vãos da sociabilidade. Algumas das suas acções alertaram consciências e questionaram atitudes. As pagelas, em estilo panfletário, que distribuía como manifestos, em dia de feira semanal da Vila, consolidaram-no como figura que procurou aliar o seu sincretismo religioso à pragmática do seu viver em sociedade.

Falemos agora de uma “dinastia de *brasileiros*”, os Brandão Faria. Na família de José Esteves Brandão o Brasil estava muito “próximo”, pois os seus genes por lá andavam desde, pelo menos, os tios avós, Francisco<sup>5</sup> e António<sup>6</sup>. A avó Benta falava amiúde dos irmãos e estes descreviam-lhe a terra brasileira, dando dela uma visão de oportunidades. Assim, o pai e o tio partiram para o Rio de Janeiro já com a “carta de recomendação” para os tios, subscrita pela avó. Por lá fizeram real a possibilidade de alcançarem êxito ao dedicarem-se a uma área tão conhecida dos portugueses nessas terras, o comércio.

Os tios avós, o barão de Faria, Francisco da Costa Faria e o comendador António da Costa Faria emigraram jovens para o Brasil, onde enriqueceram e se tornaram comerciantes de “grosso trato” na praça do Rio de Janeiro. Rece-

<sup>5</sup> Francisco casou no Rio de Janeiro, com uma mulher brasileira. O barão de Faria, detentor de uma enorme fortuna, foi um homem culto e filantropo. Pensamos que a Misericórdia do Rio de Janeiro, de que foi benfeitor, possui um retrato seu. Os filhos foram figuras de relevo no Brasil e um deles, António Costa Chaves, foi banqueiro e o criador do Bairro de Ipanema, nesta cidade.

<sup>6</sup> O comendador António da Costa Faria nasceu em Vila Nova de Famalicão, a 20 de Agosto de 1814. Era filho de Francisco da Costa Ortiga e de D. Teodora Maria de Faria. Casou em 6 de Janeiro de 1862, com D. Maria Amélia Lobão. Regressou, mais tarde, a Famalicão onde habitou um palacete no Campo da Feira, adquirido a outro *brasileiro*.



beram os sobrinhos (o pai e o tio de José Brandão) que também lá casaram com mulheres brasileiras, tiveram filhos e singraram na vida comercial.

Retomemos o percurso de vida de José Brandão. O pai emigrou para o Brasil na adolescência, talvez depois do irmão mais velho, Paulo<sup>7</sup>, que se deslocou para o Rio com 13 ou 14 anos, empregando-se logo na casa de comércio do tio, o barão de Faria. Nunca regressou a Portugal. O pai de José Brandão singrou no Brasil ajudado pelos familiares e casou no Rio de Janeiro, com uma cidadã carioca, de quem teve, pelo menos, dois filhos, José e Heitor<sup>8</sup>. Bem sucedido nos negócios, mandou construir um palacete na zona nobre da vila de Famação<sup>9</sup>. José Brandão nasceu na cidade do Rio de Janeiro e aqui viveu os primeiros anos da sua infância. O seu enorme culto pela arte levou-o a investir toda a vida neste campo, a ponto de reunir uma colecção reconhecida nacional e internacionalmente e da qual faziam parte peças raras.

Conhecemos estas obras pelo catálogo produzido por uma conceituada leiloeira de Lisboa, aquando da venda do seu espólio, em 1954, (pouco depois da sua morte). Dele constavam pinturas, aguarelas e desenhos, gravuras, bronzes, mármore, marfins, louças, *bibelots*, moedas, armaria, bengalas, móveis e lotes de objectos diversos. A título meramente exemplificativo deste imenso e rico espólio, destacamos os trabalhos de pintura da escola francesa, italiana, flamenga e espanhola assinados por A. Brower, Berghen, Isidore Cunetier, Diaque, W. Whyte, Marantónio, Louis Albert Delarive, Emiliee Preyer, as aguarelas e desenhos de E. Lambert, Franc Graig, as gravuras de A. Durer, Van der Lin. Encontramos os bronzes dos mais céle-



**Figura n.º 5**  
**Catálogo das peças de arte**  
**de José Brandão postas em leilão**

<sup>7</sup> Escreveu artigos de fundo para diferentes jornais brasileiros, principalmente para o *Jornal O Comércio do Rio de Janeiro* e interveio na célebre questão que envolveu o Bispo de Olinda (Pernambuco). Publicou vários livros e sustentou polémicas literárias com José Feliciano de Castilho e com Manuel de Melo, relativamente ao catálogo do Gabinete Português de Leitura.

<sup>8</sup> O irmão, Heitor Esteves Brandão, casou com uma filha do comendador Constantino Nunes de Sá, natural de Minhotães, Barcelos, dono de negócios no domínio da banca, no Rio de Janeiro. Foi um grande capitalista e a sua firma estava representada em Famação por Gomes & Brandão e também Brandão & C.<sup>a</sup>.

<sup>9</sup> José Salgueiro Esteves Brandão, que então vivia em Lisboa, vendeu este grande edifício, em 1920, ao tio Carlos José de Faria Brandão e ao irmão Heitor Esteves Brandão. Em 1931, devido a problemas financeiros, Heitor vendeu a sua parte ao tio Carlos. Após o falecimento deste, a 21 de Dezembro de 1942, passou por legado à segunda sobrinha Marina Brandão. Anos depois foi comprado por Álvaro Folhadela Marques.

## Peças do Catálogo



**Figura n.º 6**  
**Pintura da escola italiana**  
 (século XVI ou XVII)



**Figura n.º 7**  
**Busto de mármore**  
**da escola italiana**  
 (século XVII ou XVIII)

bres escultores do século XX, como Pedro Jules Mene, Jean August Barre, Isidore Bonheur e mármore de Carrara, entre os quais sobressai um busto de Cristo do século XVII, marfins dos séculos XVII e XVIII, que contam com a linda imagem de S. José e o Menino, num só bloco, e com o célebre galo de porcelana de Saxe, de Jean Joachim Kandier, que pertenceu à coleção da marquesa da Foz.

Sigamos, agora, Bernardino Ferreira da Costa e Sousa, futuro conde de S. Cosme do Vale. Nasceu, no dia 12 de Março de 1852, na freguesia de que tomou o título. Era filho de Domingos Ferreira e Francisca da Costa Marques. Emigrou para o Rio de Janeiro em 1866, com catorze anos<sup>10</sup> e começou a trabalhar por conta própria aos 26 anos, (1878). Recebeu a ajuda do conde de S. Salvador de Matosinhos, que também auxiliou outros emigrantes portugueses em terras brasileiras. Em 1884, Bernardino de Sousa comprou a velha Fábrica do Gelo da praia de Santa Luzia, no Rio de Janeiro e, passado pouco tempo, com a actualização dos equipamentos e outros investimentos, produzia gelo suficiente para abastecer a capital, ou seja, 36 000 quilos por dia. A indústria prosperou e trouxe-lhe riqueza<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> No Rio de Janeiro, também trabalhavam o irmão António, como sócio na Fábrica de Gelo Santa Luzia e o Manuel como comerciante. Ambos foram agraciados com títulos nobiliárquicos, o primeiro com o de comendador e o segundo com o de barão de Famalicão.

<sup>11</sup> Conta-se que alguns dos seus empregados decidiram montar uma indústria do gelo, usando os conhecimentos aprendidos, mas Bernardino Sousa encarou esse episódio como uma afronta e baixou tanto o preço do gelo, que essa nova fábrica se encaminhou para a insolvência. Acabou por falir, quando ele decidiu fazer a distribuição do gelo gratuitamente.

Bernardino casou com Maria Dolores Josim Terám, de nacionalidade espanhola, e não tiveram filhos. O imenso património possibilitou-lhe entregar-se a obras de beneficência, bem como à promoção da cultura. Pertenceu à Sociedade Portuguesa de Beneficência, de que veio a ser eleito conselheiro-mordomo em 1903, ao Liceu Literário Português, que apoiou monetariamente, à criação da Caixa de Socorros Viscondessa de S. Cosme do Vale e do Montepio Visconde de S. Cosme do Vale (mais tarde anexados à Associação Condes de S. Salvador de Matosinhos e de S. Cosme do Vale). Preocupado com a justiça social e com os direitos humanos, tornou-se membro da Confederação Abolicionista.

Foi comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (1886), visconde (1887), conde (1902) e comendador da Ordem da Rosa, (título honorífico brasileiro). Veio para Famalicão em 1903 e ficou, temporariamente, no palacete dos Machados, propriedade da família de Bernardino Machado, futuro presidente da República. Instalou-se depois numa casa alugada da zona nobre da vila, moradia antiga e de pergaminhos e que pertencia, então, à viúva de um *brasileiro* com rendimentos. A seu lado, neste largo, vivia o seu irmão, o comendador António Ferreira Marques de Sousa.

Reconstruiu a modesta habitação dos pais e lá passou a viver. Tornou-se o mentor e principal obreiro do grandioso *Edifício Paroquial para as Escolas S. Cosme do Vale*, cujo funcionamento chegou a sustentar, e de mais boas obras na freguesia.

Foi o principal benfeitor da reconstrução da Igreja matriz de Famalicão, em 1902, e promotor do embelezamento da vila, com abertura de novos arruamentos, ajudando, ainda, o Hospital da Misericórdia.

Em 1903, o conde e a condessa regressaram a Famalicão vindos de Lisboa e tiveram uma recepção em tudo idêntica à prestada à família real, quando aqui ficou a caminho de Braga. Surgiu na altura o jornal *Homenagem* inteiramente dedicado a este acontecimento. Na terra natal, teve idêntico acolhimento, com autoridades civis e religiosas, entre uma mole humana de conterrâneos.

Depois de se fixar em S. Cosme do Vale ia, anualmente, tratar de negócios ao Rio de Janeiro.

Faleceu em 25 de Outubro de 1909. O funeral foi imponente, com um grande acompanhamento enquadrado por destacadas personalidades e, dado que a sua acção se compaginou também ao Brasil, este país fez-se representar. O corpo ficou depositado em campa rasa, trasladado em 1911 para o túmulo monumento encimado pelo seu busto e mandado construir por ele nesta freguesia. A obra ficou a cargo de uma conceituada empresa por-



**Figura n.º 8**  
**Túmulo do Conde**  
**de S. Cosme do Vale**

tuense<sup>12</sup>. Transformou-se, mais tarde, em jazigo de família e é, hoje, um *ex libris* de S. Cosme do Vale.

A imprensa e outras fontes realçam os bem sucedidos, os chamados *brasileiros*, e por vezes os *abrasileirados*. Contudo, muitos outros continuam remetidos ao total apagamento. Deles poderemos saber os nomes e aproximar-nos dos seus percursos de vida através de algumas fontes, v.g. os inventários orfanológicos, as execuções hipotecárias, as listas de mancebos refractários e os registos paroquiais, quando o redactor paroquial registava à margem “ausentou-se para o Brasil”.

## CONCLUSÃO

É incontestável que a geografia minhota não mais foi a mesma, após a ida e muitas vezes vinda, dos emigrantes que demandaram terras brasileiras. Contribuíram para alterar o *modus vivendi* das regiões onde se fixaram (normalmente as de origem), e tiveram peso em diversos sectores económicos. O hermetismo social ia-se desvanecendo com a sua presença marcante. No caso em apreço, o de Vila Nova de Famalicão, vila criada pelo liberalismo, graças ao progresso alcançado pelo fluxo de dinheiro e investimento dos que emigraram para o Brasil, a face desta localidade alterou-se e até o seu pólo se deslocou para a Rua Formosa e Campo da Feira, permanecendo, actualmente, como tal. Hoje, as suas vidas são roubadas ao tempo e resgatadas, de entre outros testemunhos, da memória das casas e das instituições a que se ligaram.

Para conhecermos os “emigrantes silenciosos”, apropriando-nos também de diferentes facetas dos bem sucedidos e dos remediados, é necessário introduzir a análise micro analítica, utilizando o cruzamento das fontes da emigração, das fontes paroquiais e até notariais e fiscais. Poderemos, assim, encontrar novas matizes da emigração para o Brasil, como a explicação da disparidade de solicitações de passaportes nas diversas localidades geograficamente próximas, a identificação de grupos familiares ou de parentes que partiram juntos ou por etapas, a detecção de vizinhos que seguiam os mesmos destinos e que iam nas mesmas embarcações, as redes de solidariedade do lado de cá e de lá.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Jorge Fernandes, 1994a – *Os Brasileiros. Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Porto: ed. de Autor.

---

<sup>12</sup> Foi feito com base num projecto vindo do Rio de Janeiro e executado pela oficina de mármore Queiroz & Costa, da Avenida Rodrigues de Freitas, n.º 9, no Porto, por cinco contos. Ficou pronto em cerca de um ano e meio e todas as pedras foram trabalhadas no local, por artistas desta casa. Esta oficina construiu outros túmulos no concelho,

- ALVES, Jorge Fernandes, coord., 1994b – *Os “Brasileiros” da Emigração*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho, 1983 – *A Emigração Portuguesa, suas Origens e Distribuição*. Lisboa: ICALP.
- CARVALHO, Vasco César de, 1959 – *Aspectos de Vila Nova. Biografias*. Vila Nova de Famalicão: [s.n.].
- CARVALHO, Vasco César de, 1960 – *Aspectos de Vila Nova. Desembargadores*. Vila Nova de Famalicão: [s.n.].
- CASCÃO, Rui, 1993 – “Demografia e Sociedade”, in MATTOSO, José (dir. de) – *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. Vol. 5, p. 425-439.
- CUNHA, Cármen Alice Aguiar de Morais Sarmento, 1997 – *Emigração Familiar para o Brasil. Concelho de Guimarães 1890-1914 (Uma Perspectiva Micro Analítica)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (dissertação de Mestrado).
- DURÃES, Margarida, 1995 – “Necessidades económicas e práticas jurídicas: problemas da transmissão das explorações agrícolas, séculos XVIII-XX”. *Ler História*, n.º 29, p. 67-88.
- LAGES, José Manuel, 1999 – “Os Emigrantes de Vila Nova de Famalicão. O seu papel na Confraria de Nossa Senhora do Carmo”, in ALVES, J. F. (coord) – *Os Brasileiros da Emigração*, Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, p. 46-79.
- MONTEIRO, Miguel Teixeira Alves, 1996 – *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros 1834-1926. Territórios, Itinerários, Trajectórias*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- PAIVA, Odete, 2001 – *S. Martinho de Avidos, Comunidade Rural do Vale do Ave, Demografia e Sociedade, 1599-1995*. Vila Nova de Famalicão: NEPS e CMVNF.
- PAIVA, Odete, 2003 – “Teias que a Emigração Tece: “Os Brasileiros” no século XIX, uma Análise Micro Analítica”, in TRINDADE, Maria Beatriz Rocha; CAMPOS, Maria Christina (orgs.) – *Olhares Lusos e Brasileiros*, S. Paulo, p. 47-66.
- SCOTT, Ana Sílvia Volpi, 2003 – “Alternativas Locais à Emigração para o Brasil nos Finais do Século XIX”. Paper read at Jornadas do NEPS: *Comportamentos. População e Sociedade*, Guimarães: 25 a 27 de Novembro 2003.

